

*Revista Crítica  
de Ciências Sociais*

## Revista Crítica de Ciências Sociais

84 | 2009

Os desafios da economia solidária

---

Cattani, A.; Laville, J.-L.; Gaiger, L. I.; Hespanha, P.  
(orgs.), *Dicionário internacional da outra economia*

Pedrinho Guareschi e Pedro Ferrão

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/rccs/545>

ISSN: 2182-7435

### Editora

Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

### Edição impressa

Data de publicação: 1 Março 2009

Paginação: 193-196

ISSN: 0254-1106

### Refêrencia eletrónica

Pedrinho Guareschi e Pedro Ferrão, « Cattani, A.; Laville, J.-L.; Gaiger, L. I.; Hespanha, P. (orgs.), *Dicionário internacional da outra economia* », *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 84 | 2009, colocado online no dia 01 outubro 2012, criado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/545>

---



## Recensões

**Cattani, A.; Laville, J.-L.; Gaiger, L. I.; Hespanha, P. (orgs.) (2009), *Dicionário internacional da outra economia*. Coimbra: Almedina, 345 pp.**

O Dicionário, com 345 páginas, traz à discussão 60 temas relacionados fundamentalmente à Outra Economia (economia solidária, economia do trabalho, novo cooperativismo, empresas autogestionárias), mas com referências também à Sociologia, ao Direito, à Administração, à Psicologia e à Filosofia.<sup>1</sup> Os autores pertencem principalmente a universidades do Brasil, Portugal, França e Argentina. Inicia com uma rápida introdução do Prof. Antonio David Cattani e uma nota acerca da edição portuguesa de Boaventura Sousa Santos e Pedro Hespanha.

Não pretendemos resumir aqui os trabalhos, já por ser isso inviável numa resenha. Optamos, então, por tecer comentários gerais que se referem a aspectos comuns de praticamente todos os trabalhos. Antes um comentário sobre sua oportunidade, salta aos olhos o momento estratégico do lançamento do Dicionário. Exatamente nos meses em que o barco do liberalismo capitalista faz água, para alguns de maneira irreversível, recebemos essa produção altamente oportuna, corajosa, inteligente, prática. Ninguém pode duvidar de sua necessidade premente. Não podem mais ser taxados de criadores de ilusões e fantasmagorias os que se esforçaram, desde há muito, em evidenciar a inviabilidade do sistema capitalista. Ele que se proclamava soberano, praticamente eterno, além das ideologias, sucumbe dolorosamente. Cai o outro muro.

Os trabalhos se concentram na análise e discussão da “outra” economia, como um novo paradigma. Creio que essa expressão poderá servir de guia para expressar o que pretendemos com essa breve recensão. Na contraposição dos pressupostos dos dois paradigmas torna-se claro o que essa publicação pretende trazer ao mundo académico e à sociedade em geral, principalmente aos movimentos populares. Quase sem exceção, os trabalhos explicitam as consequências do paradigma da economia capitalista e os da “outra” economia. Especificando:

A característica mais marcante entre os dois paradigmas, já lembrada desde as introduções, é a imprescindível presença da ética, dos valores, subjacentes a ambos os paradigmas. O que fica explicitado é a constatação da impossibilidade de neutralidade, tanto na discussão teórica, como na ação prática dos paradigmas econômicos. O paradigma capitalista, da ciência económica capitalista, guiou-se pelos pressupostos do cientificismo inerente à concepção de ciência da modernidade, que excluía a ética de suas premissas e se declarava “neutra”. Que consequências advieram daí? Talvez quem melhor expressou e denunciou a suposta neutralidade desse paradigma tenha sido Zygmunt Bauman, em *Modernidade e Holocausto*. Para ele, a morte de seis milhões de serem humanos foi uma consequência lógica dos pressupostos da modernidade. A modernidade

<sup>1</sup> A reprodução desta recensão foi autorizada pelo autor e pelo Grupo de Pesquisa de Economia Solidária, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Vale do Rio Sinos (UNISINOS), Brasil, em cuja página foi inicialmente publicada.

se construiu sob o tripé do individualismo, da racionalidade matemática instrumental e do experimento, fundamentado no empirismo inglês. Os “modernos” se extasiaram pelas descobertas das regularidades empíricas e passaram a comparar o mundo a um relógio. À ciência competiria descobrir tais regularidades, as leis que subjaziam ao funcionamento desse relógio. E não demorou que as demais ciências copiassem o modelo: Comte e Durkheim, seguindo essa esteira, iriam afirmar que se o mundo é um relógio, a sociedade também o é: a tarefa do sociólogo era descobrir as leis que governam o social. E um passo à frente, os psicólogos iriam afirmar que se o mundo e a sociedade são como relógios, o ser humano não foge à regra. A criação do laboratório de psicologia de Leipzig, por Wundt, se constitui, para muitos, o início da psicologia. Que fez Mengele, com seus 60 experimentadores, nos campos de concentração de Auschwitz, senão querer entender e construir o homem novo, que governaria o mundo por mil anos? Não por acaso, quando os russos tomaram o campo, dos 80.000 presos, 40 mil eram crianças (gêmeos, trigêmeos, etc.), objetos de pesquisa e manipulação de cérebro do grupo de Mengele. A conclusão de Bauman é dolorosa, mas totalmente pertinente: a “ética” da modernidade se fundamentava na crença em uma ciência que, se *funcionasse*, era *boa*, *ética*. E com base nesse pressuposto, seus seguidores não hesitaram em sacrificar milhões de pessoas. Pois vamos agora à economia. Seria exagerado afirmar que a lógica da economia capitalista, “com seu individualismo possessivo e a competição cega”, excluindo totalmente a ética de seus pressupostos, não tenha se tornado, do mesmo modo, responsável também por um número até maior de vítimas?

A questão fundamental da ciência econômica moderna, fundamentada no para-

digma da modernidade, excluiu a pergunta sobre o ser humano. Ela tinha, e tem, a ver com fórmulas matemáticas, raciocínios lógicos, com o objetivo único de conseguir o maior lucro possível, no mais curto espaço de tempo. Como se expressava, sem se dar conta, mas fiel a essa lógica férrea, uma Ministra da Fazenda, responsável pela implementação exacerbada do pensamento econômico liberal, no início da década de 1990: “O povo? O povo é um detalhe!” Mas não é apenas o ser humano que é excluído dos pressupostos da economia capitalista: também o meio ambiente passa a obedecer ao esquema cego da destruição da natureza em vista do lucro a qualquer custo: é a “desertificação das terras e das populações”.

Os trabalhos desse livro não ficam apenas na discussão de uma nova racionalidade, que implica uma ética humana, inclusiva, solidária, no pressuposto de um mundo sustentável. A parte mais reconfortante do livro é a apresentação de experiências e relatos de como essa outra economia está tomando vulto, se ampliando, evidenciando assim, na crítica dessas práticas, como ela pode se constituir em alternativa real e comprovada de uma economia mais justa e solidária, compromissada com a vida e com a sustentabilidade.

Seja bem vindo esse Dicionário. E conscientes de que essa realidade vai se modificando dia a dia, construída pela ação de homens e mulheres (esse novo paradigma é também feminino!), esperamos para breve mais desdobramentos, mais sinais de esperança, convictos de que uma outra economia e um outro mundo são sempre possíveis.

*Pedrinho Guareschi*

Escrito por meia centena de autores de diversas nacionalidades, o *Dicionário internacional da outra economia* é um livro cons-

tituído por 57 entradas, dispostas alfabeticamente em cerca de 330 páginas, a que correspondem, em média, 5,7 páginas por entrada.<sup>2</sup>

Em nota de abertura, Cattani esclarece que “a construção desta obra está sintonizada com os ideais e as realizações objectivas da outra economia, aquela que se apresenta como alternativa material e humana superior à economia capitalista”, sendo que as realizações desta economia estão “associadas a novos valores e princípios que se opõem às práticas excludentes, social e ambientalmente predatórias”. Isto é, contrapõe à “concorrência, exploração, acumulação compulsatória e exclusão”, os princípios da “solidariedade, da sustentabilidade, da inclusão, e da emancipação social”, princípios que regem “realizações concretas” e “em expansão no mundo inteiro”. Uma primeira edição foi lançada em 2003, por ocasião do III Fórum Social Mundial, em Porto Alegre, sob o título *A Outra Economia*, tendo dado origem a edições traduzidas e aumentadas em espanhol, francês e italiano. A presente edição expande consideravelmente as obras anteriores, alargando o número e a diversidade de autores e de entradas, mas mantendo-se comprometida com a reflexão crítica da

economia e com os princípios da solidariedade social.

As 57 entradas<sup>3</sup> apresentam temas diversos, tratados com maior ou menor profundidade e poder de síntese, mas com dois traços comuns: por um lado, colocam-se na perspectiva enunciada, a qual é bastante coerente ao longo o livro – o que mostra o excelente trabalho de organização – e, por outro, têm um carácter de referência pedagógica surpreendentemente equilibrado. Vejamos cada um destes aspectos.

A maior parte de entradas, cerca de dois terços, é de pendor directamente económico, repartindo-se em partes iguais pela crítica mais conceptual da economia e pela apresentação de abordagens (e.g., cooperativismo) e perspectivas alternativas (e.g., desenvolvimento local). O terço restante reparte-se pelas referências a realizações concretas da “outra economia” (e.g. comércio justo ou microcrédito), processos na esfera do trabalho (e.g. auto-gestão) ou movimentos sociais (e.g. associativismo ou cidadania).

Apesar de a arrumação alfabética do *Dicionário* parecer ser a mais conveniente, pois qualquer outro arranjo seria certamente bastante arbitrário e importaria restrições aos autores susceptíveis de pre-

<sup>2</sup> A presente recensão foi elaborada por ocasião do Seminário de Primavera 2009, “Transdisciplinaridade nas Ciências Sociais”, ocorrido a 14 de Abril e organizado pelo CETRAD – Centro de Estudos Transdisciplinares para o Desenvolvimento, sediado na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

<sup>3</sup> Lista completa de entradas: Altermundialização, Antiutilitarismo, Associativismo, Autogestão, Bancos Comunitários de Desenvolvimento, Bens Públicos Mundiais, Cadeias Produtivas, Capital Social, Cidadania, Comércio Justo, Conselhos de Empresa, Consumo Solidário, Cooperação, Cooperação Internacional, Cooperativas de Trabalho, Cooperativismo, Dádiva, Desenvolvimento Local, Economia da Família, Economia do Trabalho, Economia Feminista, Economia Moral, Economia para a Vida, Economia Plural, Economia Popular, Economia Social, Economia Solidária, Eficiência, Emancipação Social, Empreendimento Económico Solidário, Empresa Social, Empresas Recuperadas, Estado Social, Ética Económica, Finanças Solidárias, Governação Local, Identidade, Incubação de Redes de Economia Solidária, Justiça Cognitiva, Macroeconomia e Economia Popular, Microcrédito, Microempreendedorismo, Moeda Social, Movimento Social, Património Comum da Humanidade, Políticas Públicas, Previdência Social, Redes de Colaboração Solidária, Redes Sociais, Responsabilidade Social Empresarial, Saberes do Trabalho Associado, Sociedade-Providência, Sociologia Económica, Solidariedade, Tecnologia Social, Terceiro Sector, Utopia.

judicar a riqueza da obra, que assim se apresenta ao jeito de uma escrita ‘open source’, tal organização acarreta, inevitavelmente, alguma sobreposição temática, como sucede nas estradas que correspondem a várias designações de economia, digamos ‘alternativa’, como as de economia “para a vida”, “plural”, “popular”, “social”, “solidária”, etc. Paradoxalmente, porém, esta relativa sobreposição que decorre da abordagem de temáticas frequentemente ‘vizinhas’ e apresentando cada uma das entradas um contexto de enquadramento conceptual, além de respeitar as designações e os conceitos originais dos autores, tem a vantagem de, mutuamente, constituir um reforço da mensagem crítica acerca da visão económica dominante. Por outras palavras, sendo esta uma mensagem ‘alternativa’, a relativa redundância parece adequada a alertar os leitores menos familiarizados com ela.

Ainda assim importa sublinhar que se trata de uma obra rica de conceitos e de diversidade de abordagens, unidas pela preocupação comum da outra economia. E daqui retiro a primeira conclusão quanto à mais-valia deste dicionário, e que é permitir ter, num só volume, uma panorâmica ampla do pensamento crítico acerca da economia, numa perspectiva tanto conceptual como concreta, com evidentes vantagens para os estudos ligados ao desenvolvimento, expandindo horizontes do conhecimento e contribuindo para uma visão mais sistémica das questões do desenvolvimento. Quanto ao valor pedagógico da obra, basta ler algumas das entradas para nos apercebermos de um certo estilo partilhado na sua construção: na maioria dos casos a) são apresentados os conceitos e autores relevantes, b) são elaborados apontamentos críticos apropriados, e c) são referenciadas linhas de desenvolvimento que dão conta dos aspectos mais controversos ou ainda em aberto. O roteiro de cada entrada é,

assim, triplo: coloca-nos no tema, problematiza-o e sugere-nos linhas de aprendizagem e exploração futuras.

A título de mero exemplo, tomemos o verbete “Microempreendedorismo”, da autoria de Pedro Hespanha: para além da justificação da importância social do fenómeno, ficamos a saber que há um conceito de empreendedor ‘clássico’, por assim dizer, que se caracteriza pela percepção aguda das oportunidades, pela capacidade de inovação e pela capacidade de risco, mas que esta concepção não cola na realidade empírica do microempreendedor, em relação ao qual, numa análise mais atenta, outras lógicas se mostram e face às quais um conjunto de categorias analíticas podem vantajosamente ser mobilizadas para o seu estudo (e.g. a importância dos contextos, a informalidade, empreendedorismo de necessidade ou a solidariedade social). Por fim, o conceito é relacionado com outros termos da “outra economia”. Este exemplo, mostra que, além da referida utilidade para uma visão de conjunto das abordagens sobre a “outra economia”, cada entrada tem, em geral, um valor pedagógico próprio: com efeito, apesar da concisão, ou mesmo por causa dela, torna-se claro reconhecer o que de mais essencial está em causa em cada uma das abordagens.

Em conclusão, este dicionário é uma colecção de *flashes* que, ao contrário de uma narrativa, nos apresenta o problema de forma fragmentada mas que, por outro lado, reúne para o leitor – seja estudante, investigador ou actor social – uma diversidade de perspectivas que constituem, de uma assentada e em poucas páginas, uma base sólida, e à data talvez única, para reconstituir, de forma pessoal, uma visão rica dessa realidade aqui chamada de “outra economia”.

*Pedro Ferrão*